

Gramsci, marxismo e revisionismo

LEANDRO GALASTRI

Campinas: Autores Associados, 2015, 253p.

*Deise Rosalio Silva**

A avalanche capitalista, com suas crescentes contradições, ratifica o marxismo como um ponto de pauta, mesmo entre os que proclamam a sua crise e superação. Nesse contexto, debruçar-se sobre o revisionismo, procurando compreender suas facetas e como a partir delas pode advir um pensamento como o de Gramsci, que resgata e enriquece o papel do marxismo, parece mais que oportuno. Em *Gramsci, marxismo e revisionismo*, Galastri desenvolve eficazmente essa empreitada desafiadora, através de uma primorosa pesquisa sintetizada e exposta em quatro capítulos.

Iniciando pelo revisionismo alemão, o autor situa os pensamentos de Karl Kautsky e Eduard Bernstein. O reducionismo e simplificação das teses de Kautsky são assinalados por Galastri, conjuntamente com o realce das críticas de Lenin à deformação do papel da luta proletária empreendido pelo alemão na postulação do socialismo pela exclusiva trajetória parlamentar e na asseveração da impossibilidade do fim do Estado. Críticas também dirigidas ao fundador do revisionismo: Bernstein, precursor da vinculação da ética kantiana como base do socialismo, julgava o método dialético determinista e acusava o marxismo de uma impregnação blanquista.

* Doutoranda e mestre em educação pela Faculdade de Educação da USP. E-mail: deiserosalio@gmail.com.

As proposições bernsteinianas, apontadas por Galastri, foram objeto de vigorosas críticas de Rosa Luxemburgo e Lenin, que identificavam na base filosófica neokantiana a evidência pequeno-burguesa, assim como no substrato político dessa corrente a negação da teoria da luta de classes que culminava na demonstração de um caráter liberal pelo beneficiamento do próprio capital com o reformismo, na fragilização da luta proletária e na deterioração da teoria revolucionária.

O cerne do livro de Galastri está na cuidadosa análise do revisionismo latino e na negação dialética deste elaborada por Gramsci, com destaque a Georges Sorel. Antes do detalhamento de cada um dos expoentes latinos, o autor remonta o contexto do surgimento do sindicalismo revolucionário na Itália e toda a conjuntura política e econômica efervescente do pós-guerra que culminou na eclosão do *Biennio Rosso*, principalmente com o florescimento dos Conselhos de Fábrica, período que marcaria o exórdio militante de Gramsci e sua posição sobre a importância da organização proletária e do partido para a construção revolucionária.

As diferentes leituras revisionistas, tanto dos referidos alemães quanto do francês Georges Sorel, dos italianos Saverio Merlino e Benedetto Croce e do belga Henri De Man, apresentavam em comum: um resgate às interpelações metafísicas a respeito da justiça social, com a postulação da preponderância dos preceitos morais para o socialismo; a consideração do marxismo como determinista e mecanicista e a crítica da dialética. A fundamentação moral, caracterizável como neokantiana e idealista, constituía-se em um pilar do revisionismo que colocava a si a tarefa de retificar a “concepção materialista da história” e a “teoria da mais-valia, da concentração capitalista e da luta de classes” (p.71). Galastri pontua sua crítica ao revisionismo acentuando que a sua prognose da primazia da ética ocasiona um esvaziamento do conteúdo material da luta de classes.

Galastri frisa porque Croce pode ser considerado um revisionista (alcançando a esse respeito a posição de maior expoente italiano e tendo exercido grande influência sobre Bernstein), apesar de considerar-se fora desse movimento: Croce presumia que o marxismo sequer era uma teoria, prescindindo de fundamentação científica e filosófica; julgava-o uma conjunção de “observações aproximativas”, figuradas com base em uma sociedade hipotética. Relegado, assim, à esfera moral, em razão de um aporte fortemente hegeliano, o marxismo caía no relativismo. O autor denuncia que Croce passaria do revisionismo para o conservadorismo e assinala a contraposição teórica de Labriola ao revisionismo e, principalmente, à teoria croceana. Gramsci elabora criticamente sua leitura de Croce no cárcere, onde também dialoga e recolhe de Labriola aspectos ratificadores da autonomia do marxismo, do papel da práxis e da concepção que desenvolverá sobre a indissociável conexão entre teoria e prática.

Sorel enfatizava o espontaneísmo, voluntarismo e a moral de modo a pautar o mito da greve geral como o genuíno propulsor revolucionário e a luta de classes como uma luta jurídica. Repugnava a direção de intelectuais, a organização partidária e parlamentar e concebia no sindicalismo a única e lúdica forma de organização

do proletariado sustentadora dos “puros sentimentos de revolta” vitais à luta. A crença na evolução da sociedade é sublinhada pelas ideias de “mito” e “cisão de classes” necessárias à ação revolucionária das massas por uma “nova condição jurídica realizável” e alicerçada em uma ética socialista e no cultivo da “esperança permanente no imaginário da classe trabalhadora” (p.101). Galastri demarca sua objeção: a crença soreliana em uma neutralidade científica, a suposta blindagem de desvios do propósito coletivista da atividade sindical, a desconsideração dos condicionamentos materiais capitalistas e a ideia de existência de valores universais, a-históricos e não classistas que pautariam a “evolução do espírito” social.

Galastri não se furta em evidenciar a argumentação das teses revisionistas; as expõe honestamente avigorando o valor de sua pesquisa no estudo do revisionismo alemão e latino e na gênese de importantes elaborações gramscianas. A crítica de Gramsci amadurecida no cárcere permite-lhe opor-se a alguns aspectos basilares da teoria de Sorel e aproveitar o que é dela importante. O valor do espontaneísmo proletário sugerido pelo francês é associado à imprescindibilidade de uma direção consciente para a construção de uma nova concepção de mundo, na conjugação estratégica dos grupos subalternos e da práxis essencial para a luta por uma nova hegemonia, o que vigoriza, diametralmente oposto à concepção soreliana, o papel dos intelectuais e do partido em Gramsci. Os conceitos de “espírito de cisão”, “vontade coletiva”, “reforma intelectual e moral” e “bloco histórico”, a compreensão dialética gramsciana do desenvolvimento histórico, do liame inseparável entre superestrutura e estrutura são derivações das reflexões críticas a respeito do arsenal marxista e das teorias revisionistas, sobretudo a soreliana.

O enriquecimento da filosofia da práxis orquestrado por Gramsci advém não apenas do seu vital retorno à Marx, mas da sua conjugação com a análise crítica do revisionismo na rigorosa realização da tão defendida tradutibilidade, que o permitiu alçar elementos daqueles que propunham a revisão e a superação do marxismo em elaborações teóricas fortificadoras do legado de Marx.

Pelo feito empreendido, o livro de Galastri apresenta-se não apenas como um profícuo aporte à compreensão das interpretações revisionistas, desvelando equívocos cometidos na leitura da produção de Marx, mas como um requisito àqueles que desejam adentrar o pensamento de Gramsci, pela contextualização que propicia ao entendimento da conjuntura teórica em que emergem e se desenvolvem importantes formulações do intelectual sardo. Além disso, contribui para a análise crítica das questões políticas contemporâneas. Por fim, a imagem sustentada na capa não poderia ter sido melhor escolhida: o punho cerrado simboliza a resistência e a luta também de uma corrente de pensamento, que persiste reforçando a sua atualidade na projeção e elaboração de propostas de ação política que façam frente aos desafios de nosso tempo.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

As formas da mais-valia

Jorge Grespan

A formação da crítica de Marx à economia política

Marcello Musto

Que método Marx ocultou?

Helmut Reichelt

A origem da noção de ontologia de Lukács (final)

Nicolas Tertulian

Marini: dependência e intercâmbio desigual

João Machado Borges Neto

33